

Charles Baudelaire: poesia e afetividade no
ensino da literatura francesa

*Charles Baudelaire: poetry and affectivity
teaching literature french*

Márcia **Eliza Pires**

Faculdade de Ciências e Letras Unesp/Assis

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o ensino da literatura francesa (nível graduação) e sobre o papel que a poesia de Charles Baudelaire exerce quanto à promoção da afetividade. Geralmente, mesmo na esfera universitária, o gênero poesia é referenciado pela suposta dificuldade que impõe à interpretação textual. Desmistificando o tom elitista da poesia, as reflexões deste trabalho têm como princípio demonstrar o elo estabelecido entre alunos e professor, bem como a promoção de um ambiente favorável à aprendizagem.

Palavras-chaves: Charles Baudelaire. Poesia. Literatura francesa. Afetividade.

Abstract

This article aims to reflect on the French literature education (undergraduate level) and the role that the poetry of Charles Baudelaire plays in promoting affectivity. Usually, even at the university level, the poetry genre is referred to the alleged difficulty which requires the textual interpretation. Demystifying the elitist tone of poetry, the reflections of this work have as a principle to demonstrate the link established between students and teacher, as well as the promotion of a favorable learning environment.

Keywords: Charles Baudelaire. Poetry. French literature. Affectivity.

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Na ocasião em que nos foi possível falar sobre a poesia de Charles Baudelaire (1821-1867) na aula de literatura – nível graduação –, deparamo-nos com uma inquietação para além da preocupação em transmitir os principais conceitos acerca da lírica do escritor francês pós-romântico e precursor do Simbolismo. Somos cientes de que abordar a poesia é desafiador por muitos motivos, dentre eles: a rapidez ou mesmo a raridade com que o assunto é tratado, fato que desencadeia falta de familiaridade; a ideia de que a poesia é um gênero literário difícil e tedioso ao qual somente poucos iniciados têm acesso. Há de se lembrar de que este último conceito normalmente é difundido antes da experiência acadêmica, isto é, desde o período do ensino fundamental ao médio – fase escolar em que são priorizadas as matérias de ordem “útil” e urgente.

Promover a oportunidade de aprofundamento no gênero literário é uma forma de desconstruir concepções pré-concebidas. Demonstrar os elos que a poesia estabelece com a natureza humana, representando-a em toda sua complexidade, delinea a chance de repensar noções engessadas em favor da formação de opiniões mais genuínas. O diálogo entre alunos, colegas e professor bem como a acolhida de impressões e possíveis desconhecimentos sobre poesia propiciam uma atmosfera de descontração na qual haja noções de mútuo respeito.

Instaura-se um ambiente propício às reflexões sobre poesia – gênero de caráter libertário que naturalmente rompe com hierarquizações por vezes nocivas ao partilhar de experiência de leituras.

2 CHARLES BAUDELAIRE E A LEITURA LITERÁRIA

A poesia de Charles Baudelaire é caracterizada pela densidade, por complexa expressividade pautada em alto teor de ambiguidade. Precursora do Simbolismo, sua produção fundamenta-se em imagens que são extensões do universo subjetivo. Tais aspectos são próprios da produção poética dos últimos decênios do século XIX, mas atuam como representações atemporais das inquietações humanas. Ainda que substanciada numa concepção de mundo diversa, a poesia pré-simbolista não se queda distante da realidade dos alunos do século XXI. Dado seu caráter transfigurador, desperta-os de hábitos condicionados, da vertiginosa quantidade de informações e da obrigatoriedade do entreter-se (especialmente com a virtualidade). Aliás, nesse sentido, Erich Fromm propõe profundas considerações acerca do caráter ilusório das fugazes satisfações humanas modernas:

A felicidade do homem, hoje em dia, consiste em “divertir-se”. E divertir-se consiste na satisfação de consumir e “obter” artigos, panoramas, alimentos, bebidas, cigarros, gente, conferências, livros, filmes – tudo é consumido, engolido. O mundo é um grande objeto de nosso apetite, uma grande maçã, uma grande garrafa, um grande seio; somos sugadores, os eternamente em expectativa, os esperançosos – e os eternamente decepcionados. Nosso caráter é engrenado para trocar e receber, para transacionar e consumir: tudo, os objetos espirituais como os materiais, torna-se objeto de troca e de consumo (FROMM, 1991, p. 107).

Baudelaire e Fromm, cada qual em seu domínio e em sua época, convergem ao tecer considerações sobre os anseios desencadeados pela valoração extrema do consumo. Desde a revolução da indústria ocorrida no século XIX, com a detenção do poder econômico e o destaque da classe burguesa, as prioridades estão relacionadas às necessidades de base, isto é: a garantia monetária que assegura a comida e o domicílio, por exemplo, prescinde da consciência filosófica e estética. Ainda que fragilmente, tais vantagens parecem satisfazer o burguês produtivo e consumidor. Entretanto, à proporção do consumir avulta a sensação de vazio (SARTRE, 2005), e o homem não se redime da subserviência às balizas perversas do sistema mercantil. O indivíduo vê-se, portanto, fragmentado,

impelido a realizações rasteiras, mas desejoso de algo maior, inominável, con-
dizente com a unidade de sua natureza.

Por meio da experiência estética a que se propõe a poesia, é possível en-
trever a aproximação de objetos cujo interesse se volta à busca da elevação das
ideias (SHOPENHAUER, 2000). É pela via da apreensão do belo que flana o olhar
contemplativo de Baudelaire, que, de sua parte, conduz o leitor (em nosso caso,
o aluno) à observação dos dados da exterioridade sob o filtro da imaginação. A
relação com o belo bem como a consciência de exprimir o que é fugaz às defi-
nições vulgares transpõem a previsibilidade das urgências burguesas.

Intemporal, a poesia de Baudelaire tematiza as inquietações pungentes ao
homem moderno, por sua vez, caracterizado pelo sentimento da coação. O tom
tão perplexo quanto melancólico de sua lírica se coaduna com a condição hu-
mana cuja integridade do universo interior se põe em constante crise. As forças
externas a serviço da manutenção de leis que regem as conformidades do siste-
ma vão de encontro com as noções de autonomia e liberdade pelas quais se
guiam os valores da subjetividade. Justamente por abordar aspectos tocantes
ao indivíduo dos nossos dias, os poemas de Baudelaire instigaram os alunos que,
em identificação com a produção poética baudelairiana, refletiram sobre o
papel agregador e libertador da poesia.

Desconstrução e transformação de valores, cisão e crise são fatores que se
prolongaram e se expandiram no decurso dos séculos. A procura por apreender
o belo em meio à realidade desses acontecimentos e não mais por meio do re-
fúgio para os cenários excelsos fez com que a leitura dos poemas de Baudelaire
propusesse a reflexão sobre as construções do conceito de beleza. No texto
L'albatros (O albatroz), “o vasto pássaro dos mares” é a figura central. A imagem
metafórica referencia o poeta moralmente açotado pelos integrantes de uma
tripulação náutica. A estreiteza de visão desses homens vulgares desconhece a
beleza dessa figura aérea, completamente enfraquecida na esfera terrestre dada
sua inadaptação a ambientes comuns.

Devido ao tempo de que dispusemos, abordamos os aspectos principais que
caracterizam a produção de Charles Baudelaire, dentre eles: o papel fundamen-
tal da imaginação, a interpretação dos enigmas evocados pelos dados do coti-
diano, a extensão do universo subjetivo na exterioridade, a potência da palavra,
a transformação do conceito de beleza (já mencionado anteriormente), a inspi-
ração do espaço metropolitano. Mencionamos que todos esses valores tiveram
ressonância nas produções literárias posteriores, como Victor Hugo, Allan Poe,
Emanuel Swendenborg, Eugène Delacroix. Tal ressonância reitera a grandeza do
legado literário de Baudelaire, bem como seu caráter extremamente inovador.

O aspecto arquitetural de *Les fleurs du mal*, obra datada de 1857, também foi alvo de discussão. Focamos a associação entre inspiração e racionalidade. Pensar sobre a realização dessa obra levou os alunos a relacionar a construção poética a outras manifestações artísticas, tais como a música, a pintura, a escultura. Tal qual no compositor, no pintor, no escultor, eles reconheceram a natureza artífice intrínseca à figura do poeta. Assim, a palavra que antes era referida apenas como instrumento de comunicação diária passou também a ser vista como matéria-prima para a arte. Vale mencionar que depreender a potência artística da palavra conduziu ao questionamento do comportamento condicionado do indivíduo em suas atividades cotidianas. Constatamos que das relações automatizadas resultam as percepções superficiais, cristalizadas, desatentas às possibilidades de apreender o caráter profundo e inusitado dos seres e das coisas.

A poesia é um gênero literário marcado pela concisão e, concomitantemente, pela densidade. Pelo fato de serem caracterizados pela polissemia, os termos nela empregados consubstanciam-se por elevado teor de ambiguidade. Em nossa aula, o debate sobre a produção de Baudelaire veio fortemente reiterar que, na esfera da literatura moderna, a ambiguidade se associa ao afrontamento das conceituações convencionais. Por sua vez, tais convenções são reconstituídas sob a ótica da expressividade e da transfiguração. Esses valores foram discutidos com os alunos, levando em consideração, sobretudo, suas experiências de leitura e suas impressões. O debate levou a apreender o caráter revolucionário da poesia, noção essa que fomenta o questionamento da padronização do pensamento, do nivelamento do ponto de vista baseado em generalizações. Em contato com a largueza de visão do escritor, os alunos refletiram sobre a genuinidade ou o ludíbrio das forças externas que atuam como motivadores da formação da individualidade.

Na intenção de realizar uma interpretação mais atenta, a leitura de *L'albatros* iniciou-se por meio da observação do título do poema. Foram sondados os motivos intencionais da escolha do pássaro, bem como a convergência de sua simbologia com os demais recursos expressivos empregados no texto. A propósito da composição poética e de sua relação com a intencionalidade, Derrida esclarece:

[...] a concepção da obra literária como uma estrutura, isto é, um todo formado por elementos solidários entre si e interligados por uma tensão dinâmica, sendo o conjunto regido por uma finalidade que se impõe aos elementos constitutivos do todo e às suas finalidades particulares. Esta definição que assim apresentamos de estrutura não se afasta das definições que de estrutura têm oferecido

diversos linguistas, antropólogos e pensadores, consistindo os seus elementos dorsais, como se verifica, nas ideias de totalidade e de interdependência (DERRIDA, 2002, p. 5).

Levando em consideração a combinação dos elementos constitutivos da unidade textual, é possível a realização de uma leitura imanentista. Esse gênero de análise, desde Jakobson e de extrema incidência na década de 1960 na França, constitui uma análise mais autônoma, uma vez que se vale das informações presentes no texto para a legitimação dos próprios argumentos. Para tanto, não se fazem necessárias justificativas que relatem dados biográficos do autor, isto é, a estrutura textual interligada à semântica fornece subsídios para a fundamentação das impressões. Desse modo, estando cientes da plurissignificação dos termos, os alunos consideraram que uma das razões para a escolha do albatroz se pauta em sua capacidade de evocar a noção de liberdade. O cenário com o qual está acostumado associa-se ao registro da amplidão e do elevado, bem como na expansão do olhar imaginativo – caráter próprio ao poeta. Além disso, inferiram que a simbologia do albatroz se opõe às preocupações terrestres, às atividades moldadas ao comportamento previsível. Concluíram, portanto, que a escolha do albatroz reside na valoração da insubmissão às significações determinadas, ao modo rotineiro de compreender a natureza das coisas.

No decurso da leitura, aspectos da lírica baudelairiana que atuaram como precursores do Simbolismo (já apresentados e discutidos em aula anterior) foram reiterados no próprio texto. Verificamos que a riqueza do universo imaginativo, dotado de lógica peculiar, não condiz com o sistema de verdades prontas e não menos limitantes dado imediato. O sujeito poético do poema *L'albatros* é um ser à parte, evadido na esfera de sua subjetividade. Observamos esse fator como determinante em todo o texto, mas sobretudo na última estrofe:

*Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer ;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher*¹ (BAUDELAIRE, 1999, p. 83).

Vejam a comparação “O poeta é semelhante ao príncipe das nuvens” indicando a direta associação entre o poeta e o pássaro. Se pensarmos na combinação solidária entre os termos (DERRIDA, 2002), o vocábulo “príncipe”, voltando-se ao “poeta” como um predicativo, confere-lhe um atributo monárquico. Tal característica promove total contraste em relação aos tripulantes do navio, homens vulgares cujo olhar limitado se restringe a compreender o albatroz como um

¹ O poeta é semelhante ao príncipe das nuvens/ Que assombra a tempestade e se ri do arqueiro;/ Exilado na terra em meio às vaias,/ Suas asas de gigante o impedem de andar (tradução nossa).

ser relegado ao deboche, uma vez que suas asas o impedem de normalmente caminhar em terra firme. Por sua vez, dada sua natureza insigne e aristocrática, o príncipe evoca o dândi – figura tão estimada por Baudelaire. Aliás, lembremos sua descrição acerca desse personagem:

Mesmo que esses homens sejam chamados indiferentemente de refinados, incríveis, belos, leões ou dândis, todos procedem de uma mesma origem; todos participam do mesmo caráter de oposição e de revolta; todos são representantes do que há de melhor no orgulho humano, dessa necessidade, muito rara nos homens de nosso tempo, de combater e destruir a trivialidade (BAUDELAIRE, 2002, p. 50).

Em consonância com a figura do dândi, o “príncipe das nuvens” afronta a trivialidade, sobretudo quando se ri das flechas que o tentam denegrir (moralmente, inclusive). Por sua vez, a locução “das nuvens” promove a associação ao indiscernível, bem como à metamorfose: o poeta, assim como as nuvens, está em constante mudança e transformação. A presença magnífica do poeta se representa no albatroz, que, por sua vez, se estende no príncipe. Ao estilo simbolista, trata-se de correspondências que se confluem, sugerindo a mistura que faz com que o sujeito poético se encontre “acima dos miasmas terrenos” (FRIEDRICH, 1978).

O emprego do adjetivo “exilado” também foi alvo de nossa atenção. Vimos como é idiossincrático e irremediável o conflito com a esfera exterior absolutamente escassa diante da natureza imaginativa do poeta, avessa a qualquer sorte de restrição. Desse modo, ao tecerem reflexões a respeito da condição do eu lírico baudelaireano, os alunos correlacionaram-na com suas próprias esferas internas, identificando-se com os dilemas próprios à existência angustiante e fragmentária do artista do século XIX. Verificaram a atualidade de tais questões que persistem hoje na célebre tensão entre interioridade e exterioridade. Trata-se da indissolúvel contraposição entre tempo cíclico e linearidade cronológica; do conflito entre a marcha progressista do real e o ritmo da subjetividade, por sua vez dotado de cadência própria em que se verificam avanços, recuos e pausas: “A evolução não é apenas um movimento para frente; em muitos casos, observa-se uma patinagem e, mais frequentemente ainda, um desvio, as paradas e os recuos” (BERGSON, 2015, p. 80).

Nossa leitura analítica chegou à consideração de que a somatória de todos esses fatores estabelece forte correspondência entre os indivíduos dos séculos XIX e XXI. É semelhante, para não dizer o mesmo sorvedouro em que ambos se enleiam, posto que são coagidos pela modernidade (FRIEDRICH, 1978) e por suas imposições.

À *une passante*, outro poema pertencente a *Fleurs du mal*, também foi analisado. Nesse texto, o cenário metropolitano é destacado, contudo sua importância é atenuada pela observação dada a uma figura em especial, que, de sua parte, ofusca o burburinho da cidade. A passagem de uma mulher enigmática – *engranddeuil*² – atrai a atenção do eu lírico baudelaireano, que acaba por ignorar o incômodo do ruído dado o êxtase de contemplá-la. Destacando essa cena, consideramos que a evocação da beleza na poesia de Baudelaire reside nas representações circunstanciais, simples. Uma mulher trajada de preto, caminhando pela rua não sugere a sublimidade dos assuntos excelsos – temas que a poesia antecedente ao pré-simbolismo privilegiava. Assim, Baudelaire demonstra que a busca pelo belo – assunto caro à poesia – continua a ser o mote inspirador. Entretanto, seu olhar poético direciona-se para objetos diversos daqueles valorizados pela literatura tradicional. Como já mencionado anteriormente, o advento da indústria modifica o estilo de vida do indivíduo do século XIX. O urbano prescinde do campo, assim como a finalidade monetária prevalece sobre qualquer aspecto que se volte para o engrandecimento da essência. Os espaços coletivos perdem lugar para as propriedades particulares, desempenhando apenas a função de lugar para o avanço financeiro. A beleza (de acordo com a estética do burguês) torna-se um bem consumido no âmbito privativo, enquanto no espaço público há senão predomínio de fábricas, concreto e fumaça: a fealdade do asfalto e a fuligem parecem dar o tom à esfera do coletivo.

² Em grande luto (tradução nossa).

O conjunto de todos esses fatores desencadeia a repulsa em Baudelaire, assim como na figura do poeta em geral. O artista do XIX – notadamente o romântico e o pós-romântico – sente-se cerceado pela avidez desenfreada ao progresso material sustentada pelo homem comum: “A poesia e o progresso são dois ambiciosos que se detestam com um ódio instintivo e, quando se cruzam no mesmo caminho, é preciso que um se submeta ao outro” (BAUDELAIRE, 1995, p. 802).

Exilado, o poeta evade-se para a subjetividade – esfera em que a capacidade imaginativa resiste em sua integridade. A autonomia de sua imaginação faz de Baudelaire um artista iconoclasta e provocativo, decretando a beleza na fealdade do espaço moderno. Trata-se da beleza do feio, da “coragem e o espírito de colher a nobreza em toda a parte, mesmo na lama” (BAUDELAIRE, 2002, p. 65). No acontecimento circunstancial cercado por valores corrompidos, paradoxalmente encontra-se o objeto digno de ser imortalizado pelo canto.

Na leitura de *À une passante*, destacamos os aspectos metafóricos que indicam os fatores de transformação no conceito de beleza. No verso “*La rue assour dissante autour de moi hurlait*” observamos o emprego da personificação – “a rua ensurdecidora em torno de mim gritava” (o grifo é nosso). Como os

aspectos característicos da poesia pré-simbolista já haviam sido previamente discutidos, os alunos identificaram nessa personificação não somente a representação do cotidiano perturbador, mas a humanização do espaço público como extensão do estado de espírito do sujeito poético: “[...] uma característica básica do Simbolismo, qual seja, a de tentar fundir sujeito e objeto e liberar deles um estado de espírito comum a ambos” (GOMES, 1994, p. 103). Desse modo, verificamos que Baudelaire antecipa os temas tratados na poesia simbolista. Por meio dos processos desenvolvidos com a leitura imanentista, os alunos questionaram e sondaram as intenções presentes no poema. Por sua vez, observar a relevância do termo nuclear “gritar” esclareceu o uso da prosopopeia, figura que evoca a convergência entre as esferas da subjetividade e da exterioridade.

Ainda no encalço de apreender os mecanismos textuais que apoiassem o desenvolvimento de suas próprias interpretações, os alunos infletiram sobre a construção “*j’ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais*”³. Puderam constatar a ênfase dada ao dinamismo, novamente promovido pelo emprego do verbo: as ações “fugir” e “ir”. Destacaram que, apesar de as rimas serem diferentes – dada a sonoridade peculiar dos idiomas francês e português –, a ideia desse constante movimento evoca a preponderância da efemeridade. A “beleza” é “fugitiva”, expressão encontrada num dos versos do poema: trata-se do “eterno do transitório” (BAUDELAIRE, 2002, p. 24). Vale mencionar que a classe destacou o aspecto da dualidade da poesia moderna, isto é, do convívio de ideias distintas que, condensadas, formam unidade tão rica quanto complexa.

O intenso legado intelectual de Charles Baudelaire é caracterizado pelo brilhantismo e pela diversidade. Poeta, crítico de literatura, música e artes plásticas, no *Salon* de 1859 nomeou a imaginação de “a rainha das faculdades”. Para ele, aquele que se deixa surpreender “por meios estranhos à arte”, isto é, pelo dado natural não recriado pelo artifício da imaginação, é uma “alma mesquinha” (BAUDELAIRE, 1995, p. 801). Nesse sentido, o pensamento do artista francês se coaduna, ainda que indiretamente, com a filosofia de Schopenhauer: ao indivíduo é possível livrar-se do “véu de Maya”, da cegueira proporcionada pelas ilusões do mundo quando há a entrega ao exercício desinteressado da contemplação (SCHOPENHAUER, 2001). Para tanto, os caminhos da arte se revestem justamente dessa potencialidade. A poesia, como obra de arte, possibilita àquele que dela se compraz – lembrando aqui o contexto da sala de aula – o bálsamo para o estilo de vida onerada pela competitividade e pelo sobrepeso da mentalidade utilitária.

Como mencionamos anteriormente, a obra de Baudelaire é referenciada como densa e plural. No intuito de promover ao aluno um panorama mais

3 Eu ignoro para onde tu foges, tu não sabes para onde eu vou (tradução nossa).

amplo acerca da produção poética baudelairiana, lemos dois poemas em prosa do título *Spleen de Paris petits poèmes en prose* – obra póstuma datada de 1869. Diferentemente de *Les fleurs du mal*, *Spleen de Paris* não apresenta uma estrutura de precisão arquitetural, embora o trabalho imaginativo também seja alicerçado pela razão. Quanto aos dois poemas, neles foram observados traços comuns à narrativa, a saber: a disposição dos versos livres assemelhando-se a parágrafos; a presença do viés narrativo pela sucessão de acontecimentos. A abordagem e a discussão desses fatores levaram à compreensão da obra perfurada pelo hibridismo, ou seja, pelo encontro da prosa com a poesia.

O primeiro poema a ser lido intitula-se *À une heure du matin* (A uma hora da manhã). Transcrevemos aqui um fragmento:

Enfin! Seul! On n'entend plus que le roulement de quelques fiacres attardés et éreintés. Pendant quelques heures, nous posséderons le silence, sinon le repos. Enfin! la tyrannie de la face humaine a disparu, et je ne souffrirai plus que par moi-même.

.....
.....
Horrible vie! Horrible ville! (BAUDELAIRE, 1975, p. 38).

Na sala de aula, a leitura desse poema rendeu discussão profícua, em que pontos de vista ora se mostravam distintos ora convergentes. Nessa primeira estrofe pudemos verificar que a solidão noturna em que o eu lírico encontra repouso é contrastante aos acontecimentos da exterioridade. Os versos exclamativos “Horível vida! Horível cidade!” indicam o fastio desencadeado pelo cotidiano e sua trivialidade. Para o eu lírico baudelairiano, a solidão atua em defesa da integridade de sua individualidade. O silêncio e a solidão, com toda sua capacidade evocativa, sugerem a suspensão das atividades limitantes, próprias à esfera da cotidianidade, em favor da contemplação e da ação imaginativa.

O sentimento de coerção e repulsa experimentados pelo eu lírico é sugerido pela construção “A tirania da face humana”. A menção ao humano é caracterizada pela opressão, o que faz com que o semelhante seja visto como um ente atroz e brutalizado. O homem mediano, submisso às expectativas abalizadas pela práxis, não se harmoniza com o homem de exceção – no caso, o sujeito poético de Baudelaire. Suas crenças limitativas são uma ofensa à visão poética, configurada na expansão e na genialidade. Por sua vez, o termo “tirania” evoca a tensão do indivíduo cindido entre a autenticidade do ser (residente na esfera subjetiva) e as sujeições impingidas pela ordem prática, despoticamente progressista e repressora.

O hiato cronológico entre os séculos XIX e XXI tem validade questionável se comparado à permanência dos mesmos conflitos que substanciam a natureza dilemática e dissoluta do indivíduo, posto que esse foi e é paradoxalmente inserido e descartado do “fluxo e refluxo do mundo” (YEATS, apud WILSON). Inserido como peça a serviço da produtividade, descartado como ser suscetível a transformações e crises devido à complexa identidade sempre mutável. Nesse sentido, Moacyr Scliar reflete a respeito do conceito de depressão, mal comum ao final ao século XIX, à passagem do século XX e ao desenvolvimento do XXI: “[...] Pode-se imaginar que os deprimidos não sejam muito bem vistos pelos empregadores [...] a cabeça que aí diminuí é aquela que deveria pensar na tarefa do emprego” (SCILIAR, 2003, p. 61). Como no decorrer desses séculos a ordem foi obter e manter as formas destinadas às necessidades básicas, ao homem foi apenas outorgado o direito ao trabalho, restrição que acabou por transtornar sua singularidade. Daí os sentimentos recorrentes como a fadiga, a acédia, o tédio.

Em *À une heuredumatin*, observamos o grito poético afrontando o processo de perversidade a que se submete o indivíduo coagido. Esse clamor comum, universal estabelece mui facilmente um elo entre o sujeito poético baudelairiano e o homem contemporâneo.

Chacunsachimère foi o último poema analisado. Como escolhemos dois textos pertencentes a *Fleurs du mal*, o mesmo foi feito com *Spleen et idéal*. “A cada um sua quimera” é a tradução do título, e atentando para seu campo lexical inferimos que a locução pronominal “a cada um”, dado seu sentido abrangente e mesmo indefinido, sugere que todo e qualquer indivíduo sustente sua própria quimera, isto é, o monstro interior ou a esperança vã. Palavra de valor nuclear, a quimera apresenta alto teor de ambivalência, uma vez que remete à temível figura mitológica dotada de forma híbrida, mas também à aspiração ilusória. Vale mencionar que o poema incitou longa discussão em sala de aula, com questionamentos intrigantes. Dentre as inquietações suscitadas pelo poema está o desafio de justamente defrontar familiares lacunas de ordem filosófica: para onde nossos desejos nos encaminham e em que efetivamente representam nossa essência, uma vez que essa se põe irrisoriamente conhecida? No intuito de melhor visualizar tais discussões, propomos a observação do seguinte fragmento:

Chacun d'eux portait sur son dos une énorme Chimère, aussi lourde qu'un sac de farine ou de charbon, ou le fournement d'un fantassin romain.

.....
.....

Je questionnai l'un de ces hommes, et je lui demandai où ils allaient ainsi.

Il me répondit qu'il n'en savait rien, ni lui, ni les autres ; mais qu'évidemment ils allaient quelque part, puisqu'ils étaient poussés par un invincible besoin de marcher.

Chose curieuse à noter : aucun de ces voyageurs n'avait l'air irrité contre la bête féroce suspendue à son cou et collée à son dos ; on eût dit qu'il la considérait comme faisant partie de lui-même (BAUDELAIRE, 1975, p. 31).

Em discussão sobre as características dos poemas em prosa, tentamos identificar os fatores que sustentam a mistura entre poesia e narrativa. Como já mencionamos, a classe apreendeu o desenvolvimento de fatos, fator que estabelece um fio condutor para a narratividade: há o sujeito poético que atua como arguto observador de um grupo de viajantes que se dirigem para destino ignorado. Os alunos inferiram que, diferentemente dos viajantes que se movem como autômatos, o dinamismo do eu lírico se constitui das movimentações de seu espírito contemplativo. A perplexidade alia-se à ironia, e ao narrar poeticamente a cena, o eu lírico escarnece do homem comum. Daquele subjogado por exigências que, não raro, são dispensáveis à essencialidade. Esses homens obedecem a suas aspirações quiméricas e, inconscientes de suas reais necessidades, nada indagam ou criam. Apenas reproduzem, imitam.

A leitura de *Chacunsachimère* instigou os alunos a questionar a qual figura se assemelham. Ponderaram se ocupam a posição de observador ou se agem como os viajantes, que acreditam que o monstro quimérico já é parte de sua própria personalidade. Refletiram até que ponto seus anseios são condizentes com sua natureza e se estão dispostos ao autoconhecimento ou se obedecem ao sistema em que predominam a passividade e a reprodutibilidade.

Ao final da aula de literatura francesa tematizada pela poesia de Charles Baudelaire, os alunos construíram suas próprias reflexões e pensaram a respeito dos diversos papéis que a poesia pode exercer, dentre eles o de despertar o humano do estado letárgico a que se submete, dada a repetição mecânica dos mesmos comportamentos e da sucessão das mesmas atividades. Salvaguardados pelas asseverações de Octavio Paz, os alunos consideraram que “a poesia é conhecimento, salvação [...] revolucionária por natureza [...] método de libertação interior” (PAZ, 1982, p. 15). Nesse contato mais profundo com a poesia em que se estabeleceram relações de identificação, os alunos trouxeram-na para a sua realidade. Esse elo repensa inclusive sobre a controversa afirmação de que a poesia é um gênero alheado e elitista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura dos poemas *L'albatros* e *À une passante* da obra *Les fleurs du mal* (1857) e *À une heuredumatin* e *Chacunsachimère* do título *Spleen et idéal petits poèmes en prose* (1869), pudemos abordar os aspectos da produção de Charles Baudelaire, bem como os traços constitutivos da poesia pré-simbolista francesa, tais como: a intensa valorização do universo subjetivo; a imagem como representante do estado de espírito do sujeito; a decifração da simbologia sugerida pelos objetos alvos da contemplação; a busca do ideal no âmbito do terreno; o largo emprego da sinestesia.

Dentre as discussões desenvolvidas em *L'albatros*, foram salientadas as características do homem de gênio. De sua parte, tais características sintetizaram-se na figura do poeta. Destacamos o contraste entre a mentalidade restritiva do dado imediato e a riqueza da capacidade imaginativa encontrada no universo da interioridade. No texto *À une passante* foram tematizadas as transformações no conceito de beleza. Consideramos que, sendo iconoclasta, a poesia de Charles Baudelaire prevê que a promoção do belo se dá no âmbito do efêmero, e não mais exclusivamente nas esferas excelsas. Inpletimos que a beleza da modernidade é paradoxal, complexa, turbulenta. No poema *À une heuredumatin* foram levantadas a importância da solidão como aspecto motivador para o vislumbre da existência em sua autenticidade. Ademais, consideramos que o sujeito poético baudelaireano vê na figura do homem comum (do homem que desdenha o poder da imaginação) exemplos de hostilidade e mesquinhez. Finalmente, o poema *Chacunsachimère* instigou os alunos a refletirem sobre a frivolidade das relações, bem como sobre o sacrifício na persistência de aspirações infundadas e ilusórias, não necessariamente condizentes com a preservação da individualidade. A automatização de ações e comportamentos e suas trágicas consequências foram debatidas e repensadas.

A princípio, poderíamos destacar as dificuldades acarretadas com o desafio de apresentar a literatura do século XIX aos alunos do século XXI, sobretudo em se tratando de poesia, um gênero classificado como elitista, caprichoso, acessível apenas a alguns iniciados. As dificuldades só aumentariam se nós nos apegássemos à ideia preconcebida de que os alunos atuais – motivados apenas pela vertiginosa quantidade de entretenimento virtual – repudiam o contato com a literatura, com a poesia. A apresentação da poesia de Baudelaire veio justamente questionar essa concepção. Conscientes de que “A poesia não é alheia” de que “está logo ali, à espreita” (BORGES, 2001), os alunos mostraram-se receptos. Consideraram que o gênero poético aborda questões relacionadas à contemplação do humano em toda sua complexidade e que, portanto, tem muito a dizer à sua realidade. Provida de formas particulares de comunicação,

a poesia de Baudelaire fala sobre situações em que o homem se insere em contextos desrespeitosos com a integridade do universo de sua interioridade. A personalidade humana da segunda metade do século XIX põe-se tão fragmentária e turbulenta quanto a figura do segundo milênio. Os conflitos assemelham-se, posto que o âmbito da cotidianidade – utilitário e mecanicista – restringe a expansão do espírito, as produções do intelecto e a valorização da sensibilidade. Desse modo, a poesia exerce papel unificador, pois “é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero” (PAZ, 1982).

O exercício de uma leitura imanentista contribuiu para a proposição de interpretações mais autônomas das formas peculiares da linguagem poética. Em diálogo com o professor, os alunos procuraram apreender os dados textuais para a legitimação de seus próprios argumentos. Assim, houve intenso trabalho de observação do campo lexical dos textos, de atenção aos mecanismos de seleção e combinação dos vocábulos e do trabalho racionalizado com a linguagem. Depreendemos que a associação do aspecto estrutural ao estrato semântico é fator responsável pela promoção do efeito expressivo que compõe a unidade do poema.

De caráter amplo e libertador, o gênero poesia estabelece intensos elos com as demais formas de expressão artística, tais como a música, a pintura e a escultura. Na ocasião das análises, essa fluidez permitiu que se instaurasse um ambiente de espontaneidade, estreitando as relações entre alunos e professor. Desde que as informações contidas no poema fossem apreendidas e valorizadas, toda interpretação foi considerada legítima. Uma vez motivados à desautoma-tização do olhar acerca dos seres e das coisas, os alunos de literatura (nível graduação) sentiram-se confiantes para exercitar uma percepção mais atenta e criativa, aspecto que se deu em ambiente favorável à efetiva aprendizagem. Ao professor coube o papel de mediador para que a experiência com a leitura de poesia fosse profícua, intensa e reveladora.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *A arte filosófica*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 801-802.
- _____. *Les fleurs du mal*. Librairie générale française, 1999. p. 83.
- _____. *Spleen et idéal petits poèmes en prose*. Paris: Gallimard, 1975. p. 31, 38.
- _____. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 24, 50, 65.
- BERGSON, Henry. *A evolução criadora*. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 2015, p. 80.
- BORGES, Jorge Luiz. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 11.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 5.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978. p. 44, 47.
- FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991. p. 107.
- GOMES, Alvaro. *A estética do simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 103.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 15.
- SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 39.

_____. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 46.

SCLIAR, Moacyr. *Saturnos nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 61.

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel*. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 70.